



NA COLUNA GIRO

Senador Wilder diz ao *Popular* que impeachment será aprovado no Senado

BAIXINHO DE MIL GOLS

Wilder e Marconi recepcionam Romário, que faz neste sábado jogo beneficente em Goiânia



CERRADO



Goiânia, SÁBADO, 9 de abril de 2016

www.wildermorais.com.br

facebook.com/wildermorais

instagram.com/wildermorais

twitter.com/wildermorais

BENEDITO ODILON ROCHA

O poeta que cantou seu tempo, seu povo, sua terra



A Caraíba

Ao vê-la, galhos secos, angulosa perdida num recanto de Cerrado tronco encoberto em casca suberosa e a folhagem de um verde descorado certo o botânico, o naturalista por ela não dariam quase nada. (Talvez nem mesmo conste em sua lista um nome para essa árvore enfezada).

No entanto, mal o mês de agosto vindo ei-la vestida em gala suntuosa toda de ouro, solene, majestosa - u'a mancha amarela colorindo a paisagem monótona dos campos.

Fala o poeta:

- Que arbusto lindo
aquele ao longe, trasbordando em flor!
E o roceiro, entendido na matéria:
- Aquela é caraíba, seu dotô...

Benedito Odilon Rocha

CONTO

A filha

BENEDITO ODILON ROCHA

Maria Clara amanhecera com uma vontade louca de cantar. De gritar como aqueles pregoeiros das ruas.

- Olha o leeeite! Padeeiro! Ooo-lha a banaana madura!

Com um desejo esquisito de saltar, dar pulos, fazer cabriolas malucas como os artistas de circo... De subir pelas árvores e de lá se atirar ao chão, as saias enfunadas como paraquedas. Com uma necessidade inadiável de se expandir, dar largas àquele entusiasmo que lhe ia na alma, fazendo-lhe cócegas do pé à cabeça. Precisava, enfim, entoar um hino à Primavera que nessa manhã surgia malucamente bonita. 22 de setembro! O jardim estava florido, as árvores cobertas de folhas novas, lavadas pela chuva, as jabuticabeiras vestidas de branco. Em breve tornar-se-iam verdes e depois pretas. Verde: esperança. Preto: luto. Não, Maria Clara não queria pensar nessas coisas tristes, que seriam um contraste para aquela manhã tão bonita. Pensaria apenas nas flores. Sim, só nas flores. Que imagem lhe veio à cabeça! O professor de Português iria gostar: "As jabuticabeiras estão vestidas de branco para receber o pólen da fecundação". As abelhas alcoviteiras iam e vinham carregando pólen (aula de História Natural. O professor velho, óculos cavalgando o narigão adunco, a voz fanhosa: "O pólen, descendo pelo estilete, vai fecundar o óvulo. Preste atenção, Maria Clara!"). Jabuticabas... Por que será que as jabuticabas não ficam vermelhas quando estão maduras? Seria tão bonito se as jabuticabas fossem vermelhas. Mas não: elas, que são tão gostosas, preferem a cor preta. Outra vez, o preto! Preto é sinal de luto. Preto dá azar. Para desviar esses pensamentos, Maria Clara deu um impulso no balanço e sentiu a sensação agradável das alturas. O galho da árvore estalou. E se as cordas do balanço se partissem? Melhor seria voar num avião de Aeroclube. Voar... Transpor distâncias infindas. Rasgar o céu azul. "O avião riscou o cerúleo do firmamento qual uma flecha" (Outra frase boa para a aula de Português).

O balanço voava carregando Maria Clara. A mangueira tremia toda, numa convulsão de nervos, derramando sobre a moça uma chuva de flores e pequeninos frutos. Andava no ar o cheiro agradável das flores entreabertas. Maria Clara recebia no rosto a carícia leve da brisa perfumada, que lhe entrava pelas narinas, enchendo-lhe os pulmões, colava ao seu corpo o vestidinho leve, fazendo salientarem-se os seios virgens, que mal apontavam.

- Primavera, como és bonita! Assim na realidade, és muito mais encantadora do que te pintaram no baile de ontem. Sentindo-te através das flores, das folhas novas, das "jabuticabeiras vestidas de noiva", das abelhas conduzindo o pólen, do cheiro acre de terra molhada, do perfume das flores, tu te pareces muito mais primavera que as decorações grotescas que te fizeram no salão de festas do clube, com aqueles galhos

murchos de jabuticabeiras, com glicínias e laranjas murchas penduradas (jabuticabeira não dá glicínia nem laranja).

Também dentro de Maria Clara havia uma primavera que nascia. Também dentro dela havia perfumes, havia flores, havia anseios inexplicáveis. Sim, Maria Clara amava.

Agora, a cabeça recostada ao tronco da mangueira, ela revivia o baile de ontem. A primeira vez que dançara num baile. A vovó, a pedidos insistentes das amiguinhas, havia consentido. E que coisa deliciosa! "De-li-ci-o-sa", como diz a Maura com aquele beijo comprido e vermelho dela. Os sambas... os foxes... as congas... ("Você está dançando muito bem! Não parece ser a primeira vez"). Os pares elegantes e atenciosos ("A senhorita quer dar-me o prazer?"). Os aplausos da assistência ("Muito bem! Está no tempo de divertir-se. Vai fazer 16 anos"). E os galanteios? ("Eu quisera ser um beija-flor para oscular a margarida que tu trazes no peito"). Bobo! "Um beija-flor". "No peito" (merece zero em Português). Mas ele não. Ele... Ai! Se vovó soubesse!... Bem que ela disse: "Aposto que amanhã estarão aí rapazinhos babosos rondando-me a porta". Por que será que vovó não gosta de bailes? Deve ser por causa da mamãe. Ela fala sempre nisso, mas por alto, de maneira obscura. O certo é que mamãe fugiu de um baile com um rapaz louro. Depois a maternidade mandou Maria Clara de presente à vovó. O resto ela não entende bem. Rapaz louro... Ele também é louro... Vovó vai ficar furiosa quando souber. Mas que há de fazer? Está doidinha por ele. É tão gentil! Pena foi que conversaram tão pouco. Não houve tempo. A Maura disse que ele é velho. Está com inveja. Mas a D. Antoninha do seu Feliciano falou que ele tem um ar circunspecto. Circunspecto! Vovó sempre diz: "Maria Clara deve casar com um rapaz circunspecto". Muito melhor que o namorado da Maura, que é um estroina sem eira nem beira. Mas como se chama? Ficou tão acanhada que nem perguntou o nome dele. Será Pedro? Manuel? João? (João é nome bobo). Valtrudes? Vilmar? Não, deve ser Roberto. Sim, Roberto. Quando casar com ele, só o chamará de Bob. Deve ser funcionário público ou empregado de banco (usa relógio-pulseira). Quando ele vier para o jantar, ela irá esperá-lo à porta: "Alô, Bob!".

D. Mariquinhas encheu o retângulo da janela da sala de jantar com a sua cara gorda e enrugada.

- Apronte-se, menina! Está na hora do colégio.
Maria Clara acordou do seu sonho para encarar a realidade. As abelhas continuavam transportando o pólen, os beija-flores chupando o mel das corolas, mas ela tinha de ir para o colégio. Maria Clara anda pelas ruas movimentadas na sua abstração deliciosa. Hoje é quarta-feira, pensa ela, dia de Matemática. Regra de três. "Bob está para Maria Clara assim como..."

- Ai! Que moleque malcriado!

A bola suja de lama deixou uma roda vermelha no uniforme de Maria Clara. Por que será que on-

tem no baile ela sentira tanta saudade da mamãe? Daquela mamãe bonita, morena, olhos grandes, cabelos pretos e encaracolados, que ela vê diariamente no retrato a óleo da sala de jantar, mas que nunca conheceu na realidade? Por que será? Talvez mamãe gostasse de Bob. Devia ser mais evoluída que a vovó (Vovó nunca teria coragem de fugir com um namorado). Certamente consentiria no casamento e até estimaria muito. Mandaria cartões com letras douradas participando o noivado: "Dr. Roberto Miranda (ele dever ser doutor) e Maria Clara de Magalhães, Noivos". Todas as suas colegas têm mamãe, só ela é que não.

O vento está agora soprando forte. Faz redemoinhos indiscretos. Derrubou o chapéu do padre. Ergueu o vestido leve da melindrosa. Ainda bem que o uniforme de Maria Clara é de casimira pesada (Custou 300 cruzeiros. "Uma coisa horrorosa!" - fala a vovó). As janelas das casas estão batendo por causa do vento. Aquela mulher magra que não tem o que fazer tomou a veneziana no rosto.

- Bem feito! - pensa Maria Clara. - Vive só olhando a gente pelas gretas da veneziana.

Da carroça do lixeiro, saiu uma nuvem de papéis sujos que se espalharam pela rua. O burro da outra carroça assustou-se e derrubou o boleiro na sarjeta. Quase houve um desastre.

- Fon-fon-fon!

A barata do prefeito passou com o parachoque raspando nas pernas de Maria Clara. Irmã Eugênia está no quadro-negro explicando a regra de três. Maria Clara escreve com letra caprichada, na capa amarela do caderno de Matemática, a palavra Bob. Mas a professora pode ver. O melhor é continuar a palavra escrevendo: *bobice, bobagem, bobas*.

- Vamos, Maria Clara! 25 está para 10 assim como 10 está para...
- Bob.

- Que é isso, menina. Você está ficando maluca?

Volta irmã Eugênia para o quadro-negro, e Maria Clara para o seu sonho. Agora ela está pensando se deve ou não aceitar o convite. Ele pediu para esperá-lo, hoje, às 9 horas da noite, no portão do jardim. Deve ir? Sim, ela dirá. Não pode deixar de ir. Deve ser assunto importante. Mas se a vovó descobrir? Não, não descobrirá. Para tudo se arranja um jeito. Ficará estudando no seu quarto até aquela hora. Não. O melhor é ir à casa da Ditinha e ficar lá até as 9. Tem uma visita de aniversário para agradecer. Ditinha mora ali mesmo, do outro lado da rua, no número 228. Ela escreve na capa do caderno: 228... 228... 228... Número 228.

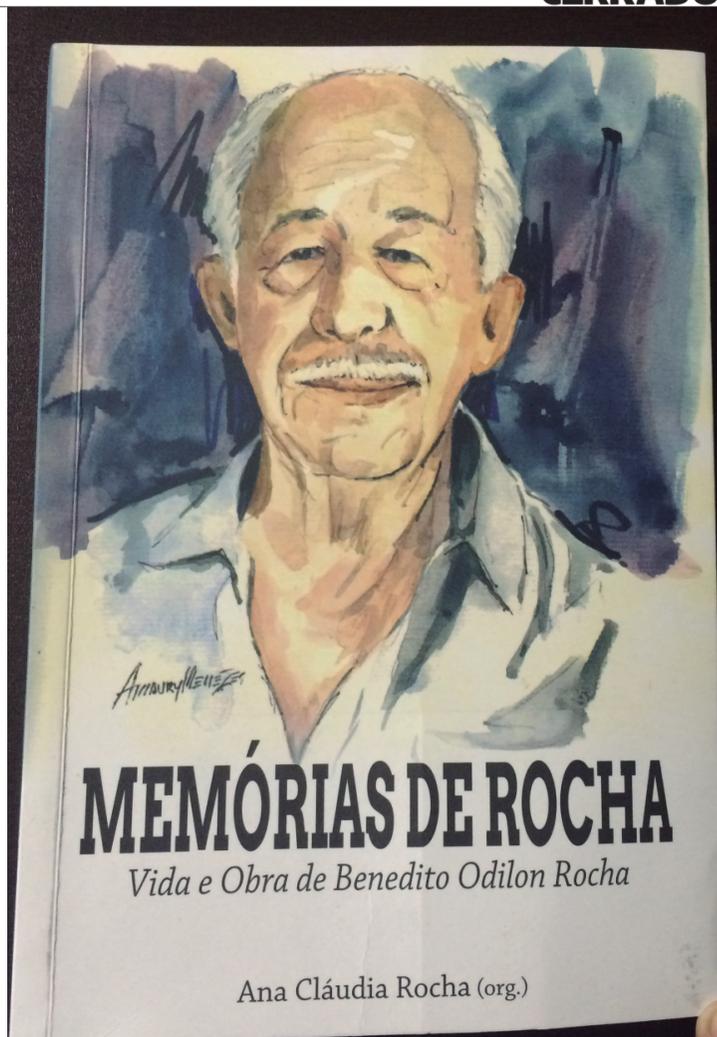
A professora interroga:

- Você, Maria Clara. Multiplique-se os meios e divida-se o produto pelo... pelo...

- ...pelo número 228.

- Ah! ah! ah! Uma risada reboou no salão.

Maria Clara fica um tanto ruborizada, mas aos poucos vai se esquecendo da aula para mergulhar-se novamente em seu mundo interior, que é muito mais bonito



que o mundo das matemáticas.

Voltando da casa de Ditinha, justamente quando o carrilhão da sala bater as 9 horas ("Ih! já são 9 horas. Vovó deve estar furiosa! Chau!"), ela se ocultará entre as glicínias que circundam o portãozinho de ferro. Ele não deve tardar. Que irá dizer? Naturalmente serão declarações de amor. Se lhe falar em fuga, será franca. Basta o exemplo da mamãe. Se lhe pedir um beijo... Não pedirá. Não se usa mais pedir beijos. Ela se entregará mansa e pacificamente. Num beijo não há nada de mais. É a declaração muda do amor. Deve ser delicioso um beijo! A Maura sempre fala isso. Principalmente o primeiro beijo ("O primeiro amor e o primeiro beijo nunca se esquecem."). Ela escreve: "Primeiro beijo", "Primeiro amor", e pinta um coração atravessado por uma flecha na capa do caderno. Depois apaga tudo com uma borracha. O beijo do Bob deve ser ardente, fofoso e demorado como os do Spencer Tracy (a Maura pronuncia "treice"). Nesse caso ela deve usar um batom de qualidade para não comprometer-lo. Michel? Colgate? Coty? Royal Briar? O melhor seria usar o processo que a Maura lhe ensinou: passa-se o batom, enxuga-se levemente com um paninho, usa-se pó de arroz por cima, com abundância, e depois umedece-se os lábios com a ponta da língua. A pintura fica inalterável.

Maria Clara não era capaz de conversar direito com Ditinha. Estava sem assunto. Os ponteiros do relógio não queriam andar de jeito nenhum, seria melhor pedir a Ditinha pra tocar piano. Assim ficaria dispensada de conversar.

- Toque a *Manolita* para mim, Ditinha. Gosto tanto...

Ditinha não se faz de rogada. E enquanto os seus dedinhos ágeis percorrem o teclado branco, narrando a paixão da espanhola pelo bravo toureiro, Maria Clara se entrega de novo aos seus pensamentos íntimos. Quem sabe se ele se chama Pedro? Não. Pode haver alguma Cacilda, e isso não dá cer-

to. Fica sendo Bob mesmo. É mais bonito e mais moderno. Olha o relógio, aflita. Daí a 15 minutos, estará junto ao portãozinho, no meio das glicínias, esperando Bob. Ele virá de terno azul. Sem dizer nada, segura-a pelas mãos, cinge-a num abraço apertado e beija-a. Ela dirá umas frases de amor que ele sufoca com outro beijo.

Já fazia dez minutos que Maria Clara se achava naquela posição incômoda, no meio da folhagem, esperando, quando um vulto apareceu na esquina. O coração de Maria Clara bateu com força. Será ele? Sim, ele mesmo. Maria Clara identificou-o quando parou debaixo do poste para olhar no relógio-pulseira. Vem um pouco desconfiado, chapéu puxado na testa, a gola do paletó virada para dentro, como se estivesse fazendo frio.

- Por que será? - pensa Maria Clara.

Examina o jardim. A casa. A rua. Ninguém. Vovó está ouvindo rádio na sala de jantar. Ditinha fechou a porta. Não há perigo. Depois a iluminação daquele quarteirão é muito fraca.

O vulto vem andando devagar. Por sua vez, examina tudo em derredor, como se fosse cometer um crime. E depois de se certificar de que ninguém o vê, passa pelo portão assoviando uma canção qualquer.

Maria Clara, o coração batendo forte, a voz sumida, salta do seu esconderijo e vem ao limiar do portão.

- Alô!

O homem para. Olha Maria Clara de alto a baixo. Examina-a em todos os seus detalhes. Avança para ela. Segura-lhe as mãos trementes. Acarícia-lhe depois os cabelos encaracolados. Abraça-a com fúria. Afasta-a de si para mirá-la outra vez e novamente aperta-la contra o peito. Beija-a longamente na testa. E lhe diz, num êxtase de ternura e satisfação:

- Maria Clara, minha filha! Como estás crescida e bonita! Minha filha!...

100 ANOS DE TALENTO

Toda hora é de poesia de Odilon Rocha

Pronunciamento do senador Wilder Moraes sobre o escritor cujo século de nascimento se completou nesta quinta, 7

Senhor Presidente,
Senhoras Senadoras,
Senhores Senadores,

A gente poderia expressar, seguido de interrogação e exclamação, "poesia numa hora dessas?!", como perguntou e se admirou o escritor Luis Fernando Verissimo.

Sim, poesia em todas as horas, mesmo na turbulência.

Quem merece impeachment é a tragédia em forma de governo, não a tragédia em forma de poesia.

O que precisa ser afastado imediatamente é a comédia em que o povo usa nariz de palhaço – e que os artistas circenses me perdoem pela comparação, pois não se pode confundir picadeiro com poleiro.

Poesia numa hora dessas, porque horas atrás se completou um século de nascimento de Benedito Odilon Rocha.

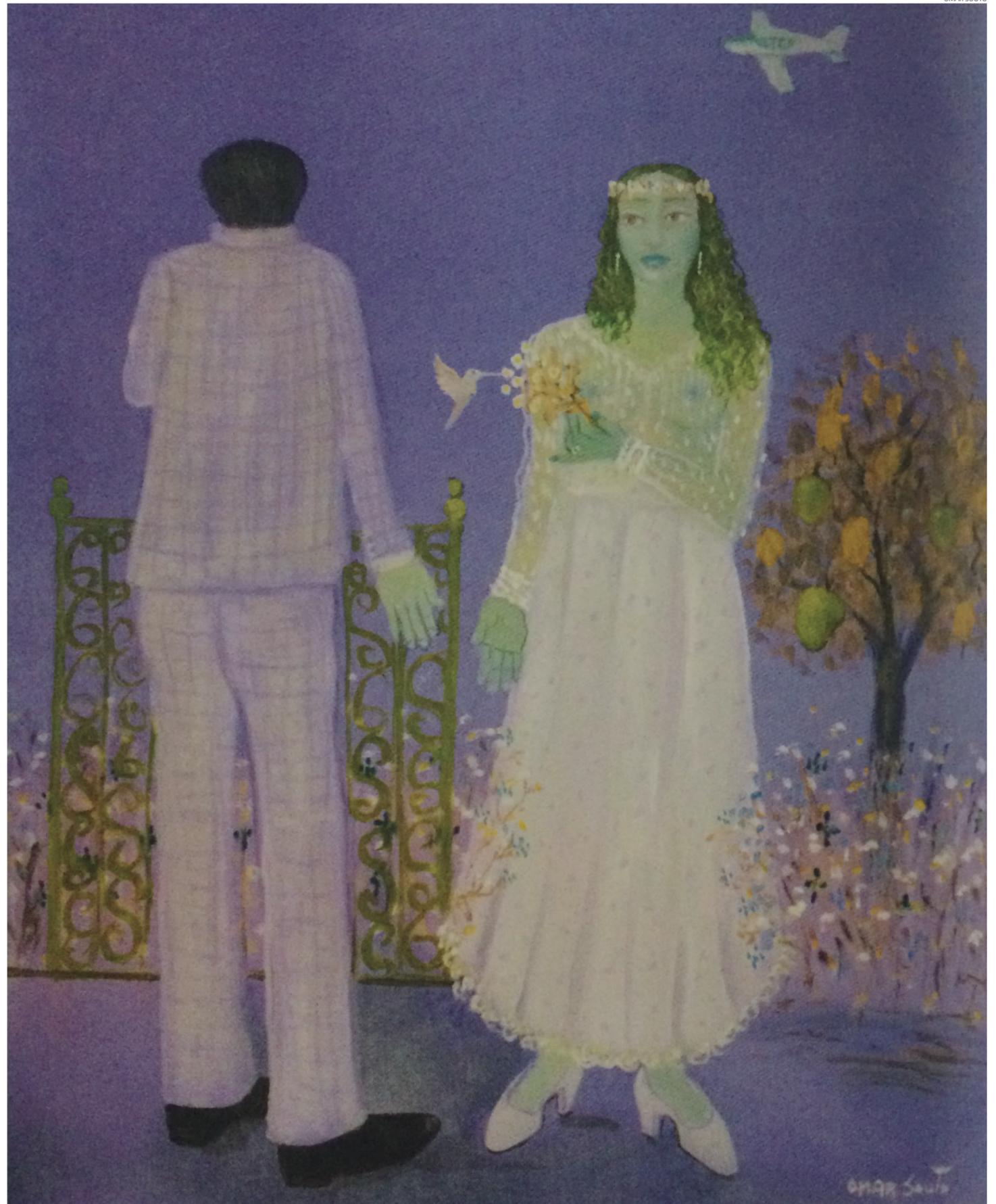
Poesia para o pioneiro da multimídia: foi músico, professor, político, gestor público, contador, comerciante, restaurador de pintura sacra, cenógrafo, contista, memorialista, ator de teatro, compositor, advogado, servidor público, imortal de academia, jornalista, editor de jornal e, em todos os lugares e oportunidades, poeta.

O Senado não pode deixar que passe em brancas nuvens a homenagem a quem as coloria de sonhos. Lembrar de Benedito Odilon Rocha é voar com as asas da imaginação, tendo como combustível a prosa facilmente inteligível, os versos bem elaborados, os registros de um cronista de seu tempo. E o tempo de poeta durou todos os seus 74 anos, de 7 de abril de 1916 a 2 de julho de 1990.

Não é preciso ter sido seu amigo ou prezar a sua família, composta por admiráveis intelectuais, para avaliar a produção de Dito ou, como ele cita em um poema, Bem. Alguns dos melhores escritores da América Latina festejaram sua obra. Pablo Neruda e Graciliano Ramos premiaram respectivamente poema e conto de Benedito Odilon Rocha.

O chileno vencedor do Prêmio Nobel de Literatura em 1973 se encantou com as maravilhas do Cerrado, ao visitar Goiânia duas décadas antes para o Congresso Internacional de Intelectuais. Uma dessas belezas foi o poema "A caraíba", de Benedito Odilon Rocha, cujos versos são de beleza tão espetacular quanto o ipê-amarelo. *[Leia o poema na capa desta edição]*

O Velho Graça incluiu "A filha" *[leia a íntegra na página 2]*, de Benedito Odilon Rocha, na antologia de melhores contos, além de textos de outros dois excelentes escritores goianos, Hugo de Carvalho Ramos e Bernardo Élis. Além de amigos e conterrâneos de Corumbá



(terra também de José J. Veiga), Benedito e Bernardo integraram a Academia Goiana de Letras, mas não estão imortalizados por terem pertencido à Casa de Altamiro Moura Pacheco. O que faz o nome e o prestígio transcenderem é a qualidade, característica que permeia a obra de Bernardo Élis e Benedito Odilon Rocha.

Em comemoração à marcante data, a jornalista Ana Cláudia Rocha, sua filha, organizou no livro "Memórias de Rocha" os escritos do e sobre o pai. O resultado é admirável, conforme se pode comprovar no volume impresso e em documentário feito pela poeta Cássia Fernandes. Alguns dos melhores artistas plásticos ilustram a obra. Músicos e de-

clamadores participam de sa-raus com textos de Benedito.

Poesia é para essas horas, para todas as horas, pois não existe recurso mais eficiente para homenagear um personagem do alcance e da singularidade plural de Benedito Odilon Rocha. Um personagem pai de outros tantos. Neto de musicista, filho da primeira grande atriz de teatro de Goiás, Benedito teve prole tão numerosa quanto talentosa. Além de Maria Clara, protagonista do premiado "A filha", e dezenas de marcantes crias literárias, também são de sua lavra Hélio, Laíla, Reynaldo, Beatriz, Edgard, Eduardo, Maria das Graças, Paulo e Ana Cláudia. São frutos de um amor que rendeu belíssimos

versos: Benedito foi casado por 51 anos com Ana Vale e por tempo ainda com a Corporação 13 de Maio, grupo musical de Corumbá. Entre letras e sons, quatro de seus meninos se tornaram jornalistas (Ana Cláudia, Eduardo, Hélio e Reynaldo, que o celebram em belos textos nas "Memórias de Rocha"), três professoras (Beatriz, Laíla e Maria), o médico Edgard e meu colega engenheiro civil Paulo.

Perdi o meu pai recentemente e tenho ainda mais de duas décadas para fazer a Seu Natalino Alberto uma homenagem à altura do que ele merece, conforme conseguiram os filhos de Benedito Odilon. Parece muito tempo, mas talvez seja pouco, dada a perfei-

ção e a dedicação da família Rocha no projeto.

Benedito venceu duas eleições, para prefeito de Corumbá e para a cadeira 17 da Academia Goiana de Letras, cujo patrono é Machado de Assis. Para que este 2016 seja o ano em que o Brasil elegeu prefeitos que no futuro sejam corretamente idolatrados como Benedito Odilon Rocha, um primeiro passo é reconhecermos a importância da poesia. Principalmente, da boa poesia, como a de Benedito Odilon Rocha, para a qual sempre se deve fazer a hora, sem esperar acontecer.

Pronunciamento a ser realizado no Plenário do Senado por ocasião dos cem anos de nascimento de Benedito Odilon Rocha



WILDER RECEPCIONA SENADOR E TRETRO CAMPEÃO ROMÁRIO

O senador Wilder Morais participou nesta sexta-feira, 8, da recepção ao tetracampeão mundial Romário, que vai participar do jogo beneficente *Amigos do Romário x Amigos do Alex Dias* (na foto com o Wilder), que será realizado neste sábado, 9, às 16 horas, no Estádio da Serrinha. A partida será transmitida ao vivo pelo canal ESPN.

A recepção foi feita no Centro de Treinamentos do Goiás Esporte Clube, no Parque Anhangüera. A diretoria do clube ofereceu almoço de confraternização ao senador e tetracampeão, Romário.

Para assistir ao jogo de Romário, o torcedor terá que doar 2 quilos de alimentos não perecíveis, que serão destina-

dos à Apae e para a Casa de Apoio São Luiz.

O time de Romário será formado por Gabriel, Ale, Denilson, Fabão, Túlio, Lira, Túlio Maravilha, Bruno Reis, Esquerdinha e Valber e o de Alex Dias por Kleber, Maurinho, Junior Baiano, Ronaldão, Wilson Goiano, Ronildo, Flávio Conceição, Paulo Nunes, Marcelo Borges e Daniel Vilela.

DIÁRIO DA MANHÃ REPERCUTIU A RECEPÇÃO AO CRAQUE

ASSINE AGORA

DM ESPORTES

Marconi e Wilder Morais dão boas vindas ao craque Romário

Governador, senador e atleta discutem projetos esportivos para Goiás e Brasil

POR **BETO SILVA**
8/04/2016 ÀS 16:50 PM

f t g+

SENADOR WILDER NA MÍDIA

GOIÂNIA, sexta-feira, 8 de abril de 2016 O POPULAR / 13

GIRO

Jarbas Rodrigues Jr.
jarbas.rodrigues@opopular.com.br

?
Pergunta para

WILDER MORAIS
Senador do PP

O impeachment será aprovado no Senado?
Se passar pela Câmara dos Deputados, será aprovado no Senado. Está muito difícil continuar com um governo sem rumo. A grande maioria dos parlamentares do PP, embora tenha decidido ficar na base do governo, vai votar a favor do impeachment. Um governo de Michel Temer terá dificuldades, o que exigirá grande coalizão para tirar o País desta crise.

PROJEÇÃO

Carlos Antonio vai a Brasília com Baldy e recebe apoios



Deputado Carlos Antonio, senador Wilder Morais e deputado Alexandre Baldy

DA REDAÇÃO

O deputado estadual Carlos Antonio (PSDB) se reuniu na quinta-feira, 6, com o deputado federal Alexandre Baldy (PTN). Empenhado na pré-candidatura de Carlos Antonio à prefeitura de Anápolis, Baldy fez questão de levá-lo para um bate-papo com o senador goiano Wilder Morais (PP). O encontro deixou praticamente definida a ida da sigla para a chapa

majoritária encabeçada por Carlos Antonio.

A agenda do dia teve ainda outros momentos importantes, entre eles reuniões com os deputados federais Célio Siveira, Heuler Cruvinel, João Campos e Delegado Waldir. Por fim, Carlos Antonio e Alexandre Baldy ainda se encontraram com o senador Aécio Neves, um dos principais representantes tucanos no cenário político nacional.

Expediente Anuncie no Site Contato Edições Anteriores Edições

FOLHA DO SUDOESTE 34

O JORNAL MAIS LIDO DO INTERIOR GOIANO

NACIONAL POLÍTICA ESTADO CIDADES ECONOMIA RELIGIÃO AGROFOLHA DIREITO E JUSTIÇA EDITAIS

Senador Wilder sugere acompanhamento de obras e cadastros para avaliar o asfalto

ABRIL 07, 2016 DIRETOR POLÍTICA

f Facebook t Twitter g+ Google+ in LinkedIn p+ Pinterest

POLÍTICA